



A MEMÓRIA PRÉ-HISPÂNICA DE *MALINCHE*: O PATRIMÔNIO CULTURAL DO POVO MEXICA

PREHISPANIC MEMORY IN MALINCHE: THE CULTURAL HERITAGE OF THE MEXICAS

Sara Lelis de Oliveira¹

RESUMO: Este trabalho pretende apresentar a obra *Malinche* (2006), da escritora mexicana Laura Esquivel, como uma narrativa literária que rememora parte do patrimônio cultural do povo que dominava quase todo o território mesoamericano antes da invasão castelhana no século XVI, a saber os *mexicas* (ou astecas). O resgate específico dessa cultura decorre do *locus* de partida da narração: a participação da indígena Malinalli, conhecida popularmente sob o epíteto *la Malinche*, como intérprete das comunicações entre os governantes mexicas e o conquistador castelhano Hernán Cortés durante o processo da queda de Tenochtitlán (1519 – 1521), cidade da sede do Império Mexica. A recriação do confronto entre culturas ocasionado pelo acontecimento histórico traz a lume diversos elementos da cultura pré-hispânica em razão do contato da intérprete com a cultura castelhana, em que se contrastam ambas as culturas, mas também devido às dificuldades encontradas pela intérprete para traduzir do *nahuatl* para o espanhol e vice-versa.

Palavras-chave: *Malinche*. Malinalli. Patrimônio cultural. Mexicas.

ABSTRACT: This work presents the literary work *Malinche* (2006), by the Mexican writer Laura Esquivel, as narrative that remembers part of the cultural heritage of the *Mexicas* (also known as Aztecs), people that dominated almost all the Mesoamerican territory before the Castilian invasion in century XVI. The specific rescue of this culture originates from the starting locus of the narrative: the participation of the indigenous Malinalli, popularly known under the epithet *la Malinche*, as the interpreter of the conversations between the Mexican rulers and the Castilian conquistador Hernán Cortés during the process of the fall of Tenochtitlán (1519 – 1521), city of the *Mexica* Empire. The re-creation of the confrontation between cultures caused by the historical event brings to light several elements of the pre-Hispanic culture due to the contact of Malinalli with the Castilian culture, in which both cultures contrast, but also because of the difficulties she encountered to translate Nahuatl into Spanish and vice versa.

Keywords: *Malinche*. Malinalli. Cultural Heritage. Mexicas.

INTRODUÇÃO

Malinche (2006), obra literária da escritora mexicana Laura Esquivel, reporta-se aos anos 1519 e 1521 transcorridos no território mesoamericano, especificamente na região do Altiplano Central do México. Narra-se uma série de acontecimentos históricos envolvidos na estratégia política de derrubada do Templo Mayor – monumento-símbolo do poderio *mexica* ou asteca, último povo no

¹ Mestra em Estudos da Tradução (2017) pela Universidade de Brasília e Bacharel em Letras-Tradução-Espanhol pela mesma universidade. Atualmente, cursa o Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Literatura e pesquisa na área da Literatura Nahuatl pré-hispânica (1430 - 1521) com foco na tradução do manuscrito *Cantares Mexicanos* para o português.

comando no período pré-hispânico – pela empresa do conquistador castelhano Hernán Cortés e indígenas aliados contrários ao poder vigente. Unidos pelo mesmo propósito, conquistaram parte do território dominado quase totalmente pelos *mexicas* desde o ano 1325 (SANTOS, 2002, p. 74). A consumação dos sucessos históricos resultou no massacre de inúmeros povos indígenas e na abertura do período colonial no México em que vigorou o domínio castelhano até a independência do país da Nova Espanha em 1821.

A narrativa literária reconstrói o acontecimento histórico da queda a partir da recriação ficcional da aliada indígena Malinalli, personagem histórica conhecida na historiografia mexicana como *la Malinche*, epíteto pejorativo que no México designa traição (PAZ, 1989, p. 78). A rejeição histórica da personagem ocorre após a independência do país, quando no processo de formulação do ideal nacionalista mexicano (HERNÁNDEZ GONZÁLEZ, 2002, p. 89) forja-se uma nação de natureza genuína. Para tanto, exclui-se da história a chamada Conquista do México, repudiando a personagem não somente por seu papel crucial no episódio, mas também pelo filho concebido com Hernán Cortés (PAZ, 1989, p. 79).

A personagem, na figura de *la Malinche* ou Malinalli, é um caso à parte entre os aliados tanto na historiografia mexicana quanto na narrativa literária, pois sua participação contra o poderio *mexica* envolveu um artifício bélico distinto dos outros povos aliados e uma condição diferenciada. Ela é uma aliada indígena escrava de Cortés que se destacou pela proficiência do *nabuatl* – língua dos *mexicas* –, em razão da recriação ficcional de sua ascendência nobre (os *pipiltin* – elite *mexica*), da língua maia devido à sua peregrinação de povo em povo como escrava e, após a invasão dos castelhanos, da língua castelhana por efeito do contato com a empresa castelhana de Cortés. Devido às suas habilidades linguísticas e não menos por seu profundo conhecimento da cultura do povo alvo, se torna intérprete oficial de Hernán Cortés e intermedia todas as relações do castelhano com os governantes *mexicas*.

Neste trabalho, a rememoração do patrimônio cultural *mexica* em *Malinche* será apresentada com base no ofício desempenhado por Malinalli de intermediar as comunicações entre governantes *mexicas* e castelhanos, bem como no contato com a cultura estrangeira em contraste com sua própria. Tendo em vista seu ofício de intérprete, a narrativa recria as dificuldades encontradas por Malinalli em traduzir do *nabuatl* para o castelhano e vice-versa, meio pelo qual são manifestadas as especificidades da cultura do povo *mexica* consequentes do trânsito entre ambas as línguas e, em vista disso, entre duas culturas (RODRIGUES, 2012, p. 130).

A recriação da personagem na narrativa literária com ascendência nobre é fundamental para a manifestação dos elementos culturais indígenas, os quais constituem a *toltecáyotl* dos *mexicas* (LEÓN-PORTILLA, 2014, p. 7), conceito que designa o conjunto de tradições toltecas – povo anterior aos *mexicas* que influenciam sua cultura – formulado após a instauração de seu poderio no início do século XIV com a fundação de México-Tenochtitlán. Com o profundo conhecimento das tradições do povo dominante, a personagem Malinalli atua em *Malinche* como o eixo de profusão de elementos culturais indígenas-*mexicas* que, embora bastante limitado se comparado com a quantidade de povos pré-hispânicos, não deixa de rememorar o passado mexicano abalado pela ruptura do universo indígena em 1521.

RESUMO DE *MALINCHE*

A narração literária dos sucessos históricos entre 1519 e 1521 no território mesoamericano compõe os oito capítulos da obra que entrelaçam a queda de Tenochtitlán com a recriação literá-

rio-biográfica da personagem Malinalli no que se refere à sua atuação como intérprete. Nos dois primeiros capítulos, por exemplo, narra-se o período pré-hispânico quinze anos antes da invasão de Hernán Cortés e seu exército no Altiplano Central do México, tempo narrativo destinado ao nascimento da protagonista da obra até seus quinze anos de idade, quando foi designada a “língua” do líder castelhano.

Ambos os capítulos são essenciais na construção literária da personagem, pois no propósito de recriação da personagem, Malinalli é uma indígena de origem *mexica* que, após se tornar escrava e, posteriormente, intérprete oficial de Hernán Cortés, vislumbra a oportunidade de derrubar o povo *mexica* em razão de sua revolta contra o sistema político vigente. O funcionamento do mundo em questão era sustentado mediante sacrifícios humanos, prática proibida nas crenças divinas indígenas, além da escravidão da população simples (em *nabuatl macebualtin*) e cobrança de tributos de quase toda Mesoamérica (SANTOS, 2002, p. 75-76). O fato literário inserido no contexto historiográfico que suporta a origem da personagem, incerta até mesmo para as historiografias, se deve à configuração de *Malinalh* como descendente de um *tlatoani* (ESQUIVEL, 2006, p. 11) – vocábulo em *nabuatl* referente a um supremo governante *mexica* – em razão do alto grau de intelectualidade da indígena, privilégio reservado apenas para a elite dominante.

A inversão do status social da personagem torna-a uma aliada-escrava de interesses singulares. Sendo de ascendência nobre, ela possuía o conhecimento das tradições e tinha as habilidades das crianças e jovens que estudavam nas *calmécac* (vocábulo em *nabuatl* refere às escolas dos filhos dos nobres (LEÓN-PORTILLA, 2014, p. 190)), elementos determinantes para ser a intérprete de Cortés. Ademais, possuía a experiência adquirida por sua peregrinação como escrava entre distintos povos no território mesoamericano (ESQUIVEL, 2006, p. 78).

A participação de Malinalli no processo da queda literária de Tenochtitlán como intérprete consistia em traduzir as comunicações estabelecidas entre os governantes indígenas de povos diversos e Cortés. Nesta construção literária, a personagem lida com o controle de interesses de dois povos que almejavam o poder supremo no território, com seu desejo de ser livre novamente, bem como com a concepção de que traduzir era um compromisso (i) cultural e (ii) espiritual: (i) na narrativa, a personagem manifesta a dificuldade de traduzir conceitos engendrados em outra cultura e em outro tempo histórico (ESQUIVEL, 2006, p. 68); (ii) até o início de seu trabalho como intérprete, a indígena acreditava que os castelhanos eram enviados de *Quetzalcóatl* (ESQUIVEL, 2006, p. 71), deus e rei-sacerdote que teria governado o território mesoamericano até o século X na cidade de Tula. O governo de *Quetzalcóatl* entrou em decadência devido às discórdias e guerras com seu adversário *Tezcatlipoca*, ocasionando nas ruínas de Tula e na dispersão da população (SANTOS, 2002, p. 67-68). O governante havia prometido retorno antes da migração e dominação *mexica* para o Altiplano Central, promessa que no imaginário indígena havia se cumprido mediante a chegada dos castelhanos.

A crença de Malinalli estende-se ao governante *mexica* *Moctezuma II*, que entrega o poder acreditando que Cortés era o próprio *Quetzalcóatl* (ESQUIVEL, 2006, p. 125) após uma conversa com o líder castelhano intermediada por Malinalli no Templo Mayor. Os detalhes dados pelo narrador desse diálogo são de que, por ser ela a intérprete, é quem praticamente entrega o poder a Cortés (ESQUIVEL, 2006, p. 124). Após a abdicação do reino por *Moctezuma*, inicia-se a destruição do Templo e o saqueio das riquezas de *Tenochtitlán*. Não obstante a insurreição *mexica* entre outros povos contrários aos aliados frente à postura de *Moctezuma II* e a destruição do templo e da cidade, nesta batalha os castelhanos e aliados indígenas saíram vencedores, tomando o poder e

inaugurando gradualmente o concebido período colonial mexicano. A intérprete, arrependida pela carnificina, abandona o ofício de intérprete e falece próximo ao julgamento do conquistador pela Coroa castelhana.

A *TOLTECÁYOTL MEXICA*

A *toltecáyotl*, em tradução do *náhuatl* para o espanhol pelo historiador mexicano Miguel León Portilla, significa *toltequidad*: “*esencia y conjunto de creaciones de los toltecas*” (2014, p. 7). Trata-se do legado deixado pelo povo tolteca após a diluição de seu império regido pelo deus e rei-sacerdote *Quetzalcóatl*. O conceito *náhuatl* abarca a

tinta preta e vermelha —a sabedoria—, escritura e calendário, livros de pintura, conhecimento dos caminhos que percorrem os astros, as artes, entre elas a música das flautas, bondade e retidão no trato dos seres humanos, a arte de comer bem, a antiga palavra, o culto aos deuses e o diálogo com eles e consigo mesmo...² (LEÓN-PORTILLA, 2014, p. 7, tradução nossa).

O conceito *toltecáyotl* deriva-se de *Tollan*, que também em tradução literal pelo referido historiador para o espanhol significa “*en el lugar espadanas o tules*” (LEÓN-PORTILLA, 2014, p. 18) ou, em sentido metafórico, “*sitios donde abundan agua y vegetación*” (2014, p. 18). Desse mesmo vocábulo, deriva-se *toltécatl* ou o povoador de uma cidade ou metrópoles, conceito que, por sua vez, dá origem à ideia abstrata de *toltecáyotl*, já definida anteriormente como o conjunto de tradições dos *toltecas*, isto é, dos habitantes da cidade de *Tollan*.

No século XIII, ao chegarem os *mexicas* ao Altiplano Central do México, foram adotados e assimilados diversos traços culturais conforme os já estabelecidos padrões mesoamericanos, como por exemplo as artes e o urbanismo, o calendário, as histórias sobre a criação do mundo, divindades, calendário, escritura, entre outros. O objetivo desse povo consistia em alcançar e consolidar-se na posição em que ficaram conhecidos os toltecas (SANTOS, 2002, p. 73). Isso porque anteriormente os toltecas formaram um poderoso reino no território e, para os *mexicas*, identificar-se ao povo tolteca “era identificar-se a uma bem-sucedida história (SANTOS, 2002, p. 76). Neste sentido, significa que os *mexicas* se apropriaram das tradições toltecas para, enfim, instaurar seu poder no território. Logo após a consolidação, reformularam grande parte das narrativas históricas e da cosmogonia tradicional (SANTOS, 2002, p. 69), revelando que os *mexicas* tiveram uma profunda consciência da formulação de um patrimônio cultural com o qual se enriqueceram e puderam se fortalecer politicamente.

Desta formulação originou-se paulatinamente a cultura *mexica* ou, em outras palavras, a cultura *náhuatl*, proferida e preservada na língua *náhuatl*. O povo em questão introduziu uma série de antigas deidades mesoamericanas junto com os deuses que cultuavam antes da ascensão ao poder. Criaram, ainda, um novo capítulo na narrativa mesoamericana das criações do sol e da humanidade. A consciência de seu patrimônio cultural era tamanha que, mesmo após a derrubada do império, os indígenas sobreviventes se preocuparam em como salvaguardar todas as tradições de seus antigos antepassados (LEÓN-PORTILLA, 2013, p. 7). Uma das formas aconteceu mediante a escritura ao alfabeto latino, tema que envolve uma discussão além da que esse trabalho se propõe.

A *TOLTECÁYOTL MEXICA* EM *MALINCHE*

Na narrativa literária *Malinche*, estão presentes diversos dos aspectos culturais do povo *mexica*, os quais conformam a *toltecáyotl* mexicana, formulada ao longo dos séculos pelo império dominante

² Texto original: «...la tinta negra y roja, —la sabiduría—, escritura y calendario, libros de pintura, conocimiento de los caminos que siguen los astros, las artes, entre ellas la música de las flautas, bondad y rectitud en el trato de los seres humanos, el arte del buen comer, la antigua palabra, el culto de los dioses, dialogar con ellos y con uno mismo...».

no território mesoamericano. Esses aspectos se fazem visíveis na recriação da vida biográfica da protagonista Malinalli e, sobretudo, no contraste entre a cultura da qual ela é herdeira com a cultura estrangeira. O confronto entre culturas é possível mediante sua condição de intérprete-escrava do conquistador Hernán Cortés, a qual ocasiona que a personagem articule as tradições indígenas-*mexicas*. A partir desde viés conflituoso, citaremos e descreveremos dois dos vários elementos da cultura *mexica* presentes na narrativa os quais se evidenciam mediante os impasses proporcionados pelo ofício de intérprete de Malinalli e, conseqüentemente, por intermédio do trânsito entre ambas as culturas.

A CRIAÇÃO DO UNIVERSO

O primeiro elemento diz respeito à Criação do Universo. No fluxo da narrativa, Malinalli havia acabado de se tornar a intérprete oficial de Cortés e ainda se deparava com diversos entraves linguísticos. Segundo o narrador, não era possível afirmar que no início de sua função ela dominasse por completo a língua estrangeira, o que a fazia recorrer ao antigo intérprete de Cortés, o soldado castelhano Jerónimo Aguilar, no intuito de que suas interpretações do *náhuatl* para o castelhano e vice-versa fizessem sentido tanto na mente dos castelhanos quanto dos *mexicas* (ESQUIVEL, 2006, p. 68). Uma das dificuldades surgida nessa condição deriva-se da tradução do *náhuatl* para o castelhano do nome próprio *Ometéotl*, deus que ela desejava explicar para Cortés, quem não alcançava entender sua cultura. Na cosmogonia *mexica*, o deus *Ometéotl* é o deus da dualidade – em *náhuatl* *ome*: dois e *téotl*: deus, princípio criador, concebido como “núcleo gerativo e sustento universal da vida e de tudo o que existe” (LEÓN-PORTILLA, 1993, p. 92, tradução nossa). Nesse impasse tradutório, a intérprete pergunta-se como traduzir o conceito e declara a impossibilidade devido à multiplicidade de significados nele contida derivada de seu princípio existencial autônomo:

...como encerrar em uma só palavra *Ometéotl*, o que não tem forma, o senhor que não nasce e não morre, a quem a água não pode molhar, o fogo não pode queimar, o vento não pode mover do lugar e a terra não pode cobrir? Impossível³ (ESQUIVEL, 2006, p. 68-69, tradução nossa).

O obstáculo enfrentado por Malinalli explica-se por uma indagação milenar na cultura pré-hispânica. Um dos questionamentos essenciais dos sábios indígenas (em *náhuatl* *tlamatinime*) se referia às origens do universo, o qual por sua vez derivava-se da dúvida “o que é a verdade?” A procura pela verdade conduziu os *tlamatinime* ao plano metafísico (*topan*: “*lo que está por encima de nosotros*”) (LEÓN-PORTILLA, 1993, p. 89, tradução de León-Portilla), problemática que está fortemente influenciada pelo pensamento dos toltecas, os primeiros a descobrirem o supremo princípio criador do mundo (LEÓN-PORTILLA, 1993, p. 149-150). Os caminhos condutores ao deus *Ometéotl*, no entanto, continuaram a ser questionados pelos *mexicas* após sua consolidação no poder e foi aprofundado. Inscrita no plano metafísico, a questão se desloca para a linguagem, compreendendo-se que a dificuldade de expressar o deus *Ometéotl* em outra língua deve-se até mesmo de uma complexidade de fazê-lo no próprio pensamento *náhuatl*, no qual os sábios *nabuas* elaboraram diversos métodos para dizer “palavras verdadeiras” sobre *topan* também traduzido como “*lo único verdadeiro sobre la tierra*” (LEÓN-PORTILLA, 1993, p. 142, tradução de León-Portilla).

Para tanto, um dos métodos elaborados pelos sábios *mexicas* para conceber a imagem da divindade no pensamento *náhuatl* consistiu na utilização de uma linguagem metafórica, expressa apenas na enunciação da poesia, para eles a única coisa verdadeira sobre a terra (LEÓN-PORTILLA, 1993,

³ Texto original: «... ¿cómo encerrar en una sola palabra a *Ometéotl*, el que no tiene forma, el señor que no nace y no muere, a quien el agua no lo puede mojar, el fuego no lo puede quemar, el viento no lo puede mover de lugar y la tierra no lo puede cubrir? Imposible».

p. 143). A concepção de poesia é expressa nos discursos em sentido metafórico pelo *difrasismo* em náhuatl *in xóchtli in cuicatl*, traduzido literalmente para o espanhol pelo filólogo mexicano Ángel María Garibay Kintana como “*flor y canto*” (LELIS, 2017, p. 75). A justaposição das palavras que podem ser utilizadas separadamente aponta para um conteúdo metafórico que se deseja traduzir o pensamento (LEÓN-PORTILLA, 2013, p. 297), isto é, a identificação deste recurso linguístico atesta que somente pela poesia (com sua linguagem metafórica) um homem sábio poderia acessar o que estava acima da realidade: “A poesia vem a ser então a expressão oculta e velada, que com as asas do símbolo e da metáfora leva o homem a balbuciar e tirar de si mesmo o que em uma forma, misteriosa e súbita alcançou a perceber” (LEÓN-PORTILLA, 1993, p. 143-144, tradução nossa). No entanto, só se pode expressar dessa maneira pela capacidade divina, conclusão dos *tlamatínime* que atesta que a habilidade advém do céu, de deus, o único que outorga ao homem um “*corazón endiosado*” (*yoltéotl*) (LEÓN-PORTILLA, 1993, p. 145, tradução de León-Portilla), coração daquele sabe expressar o plano metafísico por meio de uma estética linguística rebuscada.

A narrativa literária também afirma que apenas através “da flor e do canto” a intérprete conseguiria fazer com que os castelhanos e *mexicas* entendessem os conceitos transpostos de uma língua a outra:

Considerava que a flor e o canto eram um presente dos deuses pois era graças a eles que a vida existia. Deus respirava em sua palavra, dava vida através dela e é por isso, por obra e graça do senhor do perto e do senhor do ao redor, que era possível pintar na mente de espanhóis e mexicas novas ideias, novos conceitos⁴ (ESQUIVEL, 2006, p. 71, tradução nossa).

A linguagem poética por meio do *difrasismo* constitui-se a única expressão legítima da Verdade *náhuatl* expressa no deus *Ometéotl* da criação, sendo ele a origem universal da vida alcançada metaforicamente. Foi pela poesia que os sábios *mexicas* reformularam a concepção do deus *Ometéotl* como um ser de duplo valor: é “princípio ativo, gerador” (masculino) e “receptor passivo, capaz de conceber” (feminino). [...] “*Ometéotl* é o princípio cósmico no qual se gera e concebe tudo o que existe no universo” (LEÓN-PORTILLA, 1993, p. 153, tradução nossa). O conceito representa tanto o lado feminino quanto o lado masculino, expressados nos também *difrasismos* *Ometecihltli* e *Omecihuatl*. Esses dois princípios servem como meio para que o deus *Ometéotl* dê origem à vida, pois trata-se da geração e concepção de deuses, como também do mundo e dos homens. Para criação da vida, é imprescindível o “ato gerativo que concebe” provocado pelo deus *Ometéotl*, ato que também dá à luz à palavra divina, pois se é a poesia algo divino, “somente por ela, a única expressão verdadeira, atinge-se a transmissão do conhecimento metafísico” (LELIS, 2017, p. 76).

A FESTA TOXCÁTTL

O segundo elemento da cultura *mexica* presente na obra literária consiste na festa *Tóxcatl*, celebração anual composta de duas partes nas quais o povo *mexica* realizava uma sucessão de rituais ao deus *Tezcatlipoca*, primeira parte, e ao deus *Huitzilopochtli*, segunda parte (PROENZA, 2011, p. 131). Em *Malinche*, no entanto, apresenta-se apenas a segunda parte da celebração, referente ao culto de *Huitzilopochtli*: “...a festa de *Tóxcatl*, a maior celebração que o povo *mexica* realizava ano após ano em honra ao deus *Huitzilopochtli*⁵ (ESQUIVEL, 2006, p. 132, tradução nossa). A introdução da festa

4 Texto original: «Consideraba que la flor y el canto eran un regalo de los dioses pues era gracias a ellos que la vida existía. Dios respiraba en su palabra, daba vida a través de ella y es por ello, por obra y gracia del señor del cerca y del junto, que era posible pintar en la mente de españoles y mexicas nuevas ideas, nuevos conceptos».

5 Texto original: «...la fiesta de *Toxcatl*, la celebración mayor que el pueblo *mexica* realizaba año tras año en honor de su dios *Huitzilopochtli*».

na narrativa literária ocorre mediante uma concessão de Cortés, que já havia conquistado parte do território, mas que temia uma rebelião repentina pelos cidadãos *nahuas*, os quais estavam insatisfeitos com as barbáries até então cometidas pelos castelhanos e aliados indígenas por ele chefiados (ESQUIVEL, 2006, p. 132).

Os rituais envolvidos na celebração se iniciavam com o carregamento da estátua do deus *Huitzilopochtli*, feita de amaranto e mel, sobre um tablado por jovens guerreiros (*telpuchtequinaque*), professores dos futuros guerreiros (*tiachcabuan*) e por estudantes de guerra (PROENZA, 2011, p. 194). Na narrativa literária, “tratava-se de uma cerimônia imponente na qual participavam todos os nobres e guerreiros”⁶ (ESQUIVEL, 2006, p. 133, tradução nossa), da qual os *macehualtin* (população simples) eram apenas espectadores. Ao longo do caminho ao Templo Mayor, destino final da estátua, adornava-se a estátua com mantas, joias e plumas, tal como destaca a obra: “A deidade solar dos *mexicas*, *Huitzilopochtli*, havia nascido de uma pluma que se depositou no ventre da senhora *Coatlícue*, sua mãe, e por essa razão ele era representado com as mais belas plumas”⁷ (ESQUIVEL, 2006, p. 132, tradução nossa). Além disso, eram entoados hinos e cantares em culto ao deus. São inúmeros os cânticos presentes no *Códice Florentino*, compilação dos testemunhos indígenas transcritos para o *náhuatl* em alfabeto latino pelo frade católico Bernardino de Sahagún. Por exemplo:

1. ¡Ahúya! “Mi tequiua de Tlacochealco”
 2. Escucho mediante la persona
 3. que me avergüenza.
 4. ¡Ahúya! Yo creo que soy Tetzauitl.
 5. ¡Ahúya! Yo creo que voy junto a Yáotl.
 6. Se ha dicho:
 7. “Mi tequiua de Tlacochealco”
 8. Ríen, gritan: Ea, mi casa de noble.
 9. ¡Huia! El guerrero tocniltécatl viste
 10. el traje de águila diferenciado
 11. en Huitzetlan.
 12. ¡Huiya! Entre los muchachos de Obolpan
 13. emplumado fue mi cautivo!
 14. Tengo miedo, tengo miedo,
 15. emplumado fue mi cautivo!
- (PROENZA, 2011, p. 195, tradução de Anderson y Dibble)

A celebração era continuada no dia seguinte, iniciada com a oferenda do governante *Moctezuma*: codornizes eram degoladas e após ele, a ação era continuada pelo restante da nobreza. Na metade do dia, os sacerdotes da elite *mexica*, os quais se encontravam a vários dias em jejum, eram convidados para comer (PROENZA, 2011, p. 133). O restante do dia estava dedicado para a dança, nas quais se apresentavam os estudantes de guerra. Desde a perspectiva de Malinalli, a obra literária representa o momento da seguinte forma:

Executavam a dança da cobra em frente ao Templo Mayor como uma invocação à energia de *Coatlícue*, a mãe de *Huitzilopochtli*. Após muitas horas de dança, os dançarinos entravam em comunhão com as forças geradoras da vida e, assim, a dança era realizada em dois planos: dançava-se na terra e no céu. A serpente dançava e voava⁸ (ESQUIVEL, 2006, p. 133, tradução nossa).

6 Texto original: «...se trataba de una ceremonia imponente en la que participaban todos los nobles y grandes guerreros».

7 Texto original: «La deidad solar de los mexicas, *Huitzilopochtli*, había nacido de una pluma que se depositó en el vientre de la señora *Coatlícue*, su madre, y por esta razón se le representaba con las más bellas plumas».

8 Texto original: «Ejecutaban la danza del culebreo frente al Templo Mayor como una invocación a la energía de *Coatlícue*, la madre de *Huitzilopochtli*. Tras muchas horas de danza, los danzantes entraban en una especie de trance, de exaltación del espíritu, por medio de la cual se ponían en comunión con las fuerzas generadoras de la vida y, así, la danza se realizaba en dos planos: se danzaba en la tierra y en el cielo. La serpiente danzaba y volaba».

No momento da dança, se de vontade do dançarino, dirigia-se ao altar de *Huitzilopochtli* para sacrifício de si próprio: o coração era oferecido ao sol. Ao final da festa, subia-se ao altar mais uma vez e lhe ofereciam comida.

Malinche apresenta vários os elementos culturais do povo *mexica* ao longo da narrativa, a saber: o ritual de nascimento do filho de um nobre, a educação (*ixtlamachlixtli*) das crianças e jovens nas *calmécac* (centros superiores de ensino), o funcionamento do calendário, os presságios acerca do retorno de *Quetzalcóatl*, a cerimônia do Fogo Novo, o ciclo das mariposas, entre outros. A recriação ocorre, em todos os casos, desde a participação de *Malinalli* como intérprete de Hernán Cortés quando é eleita sua intermediadora oficial nas comunicações com os mexicas. Entrelaçam-se a cultura *mexica* e sua vida biográfica, elo determinante para sua colaboração no processo de tomada de poder pela empresa de *Hernán Cortés* e outros indígenas aliados. Neste sentido, a obra literária cumpre uma das principais funções da literatura latino-americana: concentrar culturas diluídas após a ruptura de um universo milenar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A memória de um povo transmitida via literatura não consiste em uma constatação recente, mas vem ganhando espaço nas discussões acadêmicas há não muitos anos. O filósofo alemão Walter Benjamin, no início do século XX, já havia preconizado a inserção de *experiência* na literatura, conceito este que se fundamenta na conservação de um saber outrora transmitido de geração em geração (BENJAMIN, 2012, p. 123), abrangendo assim as tradições culturais antepassadas de uma comunidade. No caso dos povos pré-hispânicos, a orientação se faz ainda mais urgente em meio aos contextos políticos em vigor. Não em vão observa-se as inúmeras narrativas que se enquadram na categoria “literatura decolonial”, a qual postula um deslocamento epistemológico alheio ao âmbito eurocêntrico. Nesta perspectiva, *Malinche* apresenta-se além de uma narrativa literária que rememora o passado histórico na qual se sustenta o patrimônio cultural mexicano, mas também como uma narrativa que vai de encontro a cosmovisão ocidental introduzida nos países colonizados a partir do período colonial.

Nesse ínterim, o que se faz importante com esse tipo de abordagem literária é questionar e refletir a formação moderna implementada no contexto da popularmente chamada América Latina. O objetivo principal deste trabalho consistiu em evidenciar a obra literária *Malinche* como uma literatura que rememora parte da cultura pré-hispânica, neste caso o povo *mexica*. O recorte ocorre por uma discussão não menos importante evocada pela narração: o ofício de intérprete da personagem histórica conhecida como *Malinche*, um sujeito polêmico na historiografia mexicana, durante os acontecimentos históricos entre os anos 1519 e 1521 que resultaram no período colonial do México. Neste sentido, desde a ótica dessa personagem a narrativa manifesta a profusão de elementos culturais que podem emergir desde seu *locus* tão específico, dentre os quais expusemos a criação do mundo e a festa *Toxátl* na cultura *mexica*.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. *Experiência e Pobreza*. In: **Obras escolhidas I**. Magia e técnica, arte e política. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 123-128.
- ESQUIVEL, Laura. **Malinche**. Ed. Suma de Letras, 2006.
- HERNÁNDEZ GONZÁLEZ, Cristina. *Malintzin y el origen simbólico del mestizaje*. **Doña Marina (la Malinche) y la formación de la identidad mexicana**. Ed. Encuentro Ediciones, 2002, p. 89-107.
- LELIS, Sara. **In xóchitl in cuicatl: a expressão da Criação**. In: **A tradução dos cuicatl e dos tlahtolli em**

- Malinche: a experiência dos antigos mexicanos.** Orientadora: Ana Helena Rossi. Brasília, 2017, 163 f. Dissertação (Mestrado – Mestrado em Estudos de Tradução) – Universidade de Brasília, 2017, p. 74-77.
- LEÓN-PORTILLA, Miguel. Introducción. In: **Toltecáyotl: Aspectos de la cultura náhuatl.** México: FCE, 1980, 10ª reimpresión, 2014, p. 7-11.
- _____. Introducción. In: **El destino de la palabra.** México: FCE, El Colegio Nacional, 2013, p. 1-18.
- _____. Flores y cantos: lo único verdadero sobre la tierra. In: **La filosofía náhuatl estudiada en sus fuentes,** México: UNAM, 7ª Reedición, 1993, p. 142-147.
- _____. La concepción teológica de los *tlamatinime*. In: **La filosofía náhuatl estudiada en sus fuentes,** México: UNAM, 7ª Reedición, 1993, p. 148-153.
- _____. La exigencia náhuatl de una fundamentación del mundo. In: **La filosofía náhuatl estudiada en sus fuentes,** México: UNAM, 7ª Reedición, 1993, p. 89-97.
- _____. Toltecáyotl, conciencia de una herencia de cultura. In: **Toltecáyotl: Aspectos de la cultura náhuatl.** México: FCE, 1980, 10ª reimpresión, 2014, p. 15-35.
- PAZ, Octavio. Los hijos de la Malinche. In: **El laberinto de la soledad.** México, D.F., Fondo de cultura económica de México, 1989, p. 59-80.
- PROENZA, Martha Julia Toriz. Descripción de la fiesta Tóxcatl. In: **Teatralidad y poder en el México antiguo. La fiesta Tóxcatl celebrada por los mexicas.** Instituto Nacional de Bellas Artes y Literatura, México, D.F, 2011, p. 131-207.
- RODRIGUES, Aryon. Entrevista com prof. Dr. Emérito Aryon Dall'Igna Rodrigues. Brasília: Revista Traduzires, v. 1, nº 2, 2012. Entrevista concedida a Prof.ª Dr.ª Ana Helena Rossi, p. 127-131.
- SANTOS, Eduardo Natalino dos. Mesoamérica: história, pensamento e escrita. In: **Deuses do México indígena. Estudo comparativo entre narrativas espanholas e nativas.** São Paulo: Palas Athena, 2002, p. 39-104.

DATA SUBMISSÃO 13-02-2019
DATA APROVAÇÃO 15-05-2019